TEATRO ESTÚDIO DO SALITRE

LISBOA

50 ANOS

NOVE PEÇAS EM UM ACTO

DE

ALVES REDOL • JOÃO PEDRO DE ANDRADE

RODRIGO DE MELLO • LUIZ FRANCISCO REBELLO

BRANQUINHO DA FONSECA • PEDRO BOM

CARLOS MONTANHA • ALMADA NEGREIROS

E DAVID MOURÃO-FERREIRA

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

UL-LOT-00004
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TEATRO-ESTÚDIO DO SALITRE

50 Anos

Nove peças em 1 acto
de
Alves Redol, João Pedro de Andrade,
Rodrigo de Mello, Luiz Francisco Rebello,
Branquinho da Fonseca, Pedro Bom,
Carlos Montanha, Almada Negreiros
e David Mourão-Ferreira

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote
LISBOA
1996

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação
Teatro — Estúdio do Satélite - 50 anos:
nove peças em 1 acto / Alves Redol... [et. al.].
(Autores de Língua Portuguesa)
ISBN: 972-20.1342-4

Publicações Dom Quixote, Lda
Rua Luciano Cordeiro, 116-2.º
1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Autores, Sociedade Portuguesa de Autores, 1996

Concepção da capa: Catarina Rebello

Revisão tipográfica: Dr. Moura Vitória

1.ª edição Outubro de 1996
Depósito legal n.º 103909/96

Fotocomposição: Policor

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

ISBN: 972-20-1342-4

ALVES REDOL

MARIA EMÍLIA

peça em um acto

Representada no 1.º espectáculo, em 30 de Abril de 1946, encenada por António Vitorino e interpretada por Maria Emília Ribeiro *(Maria Emília)*, António Vitorino *(Lua Nova)*, Calado Ramos *(Chico Guiné)*, Hermínio Ribeiro *(Fantuna)* e Ernesto Silva *(Um Homem que passa)*.

Texto conforme a edição de 1966

Recanto em ângulo de um cais do Tejo. O de Vila Franca. Casas velhas, desbotadas de cor, com festões de roupa a enxugar.
Durante o acto passa gente da Borda-d'Água. Um brado ou outro e ruídos de adriças, se convier à ambientação.
Quando a cortina abre, sentada no degrau de uma porta, Maria Emília cose um trapo qualquer. Restos de beleza num rosto cansado. Chinelas de varina nos pés, xaile traçado no peito, lenço caído para os ombros e avental de chita, que contrasta, pelo desvelo, com o resto do vestuário.

MARIA EMÍLIA (*cantando em voz íntima*)

Ó meu amor, meu amor,
Grande ausência me fizeste...

VOZ FORA (*a distância*): Eh, Fantuna! Colhe-me essa vela, homem!... Onde tens os olhos, meu alma danada?

OUTRA VOZ: Lá vai, Ti Lua Nova!
(*Ruído de adriça*)

MARIA EMÍLIA (*que levantara os olhos quando se ouviu a primeira voz de homem*): Já tardava a "Flor do Tejo". (*No seu sorriso passa uma sombra; volta à costura e entoa o resto da quadra.*)

...No caminho cresceu erva,
Enquanto foste e vieste.

VOZ FORA: Boa tarde, aí!... (*Silêncio.*) Eh, Maria Emília! Maria Emília...

MARIA EMÍLIA (*acenando o trapo que tem entre as mãos*): Boa viagem, Lua Nova? Contigo há sempre calmaria; os temporais conhecem-te.

VOZ FORA: Pois sim, diz-me dessas. Ali no Mouchão das Garças apanhei um vento de travessia que me vi parvo. (*Ladra um cão.*) Tejo, quieto! (*Noutro tom.*) Mas cá arribei.

MARIA EMÍLIA: Tu arribas sempre. Nasceram-te as mãos no leme... (*Depois de um silêncio.*) A tua mulher andou por aí há bocado à tua procura. Falou com o Vítor da taberna.

VOZ FORA: Se calhar houve mais alguma novidade com o rapaz. Percebeste alguma coisa?

MARIA EMÍLIA: Acho que não... Nem lhe vi uma lágrima.

VOZ FORA: Então não há azar. Assim que ele suspira, julga-o logo pra morrer. Nunca vi mulher tão melindrosa...

MARIA EMÍLIA: É mãe... (*Mais alto*) Ainda é da noite da cheia?

VOZ FORA (*não responde logo*): Disseste alguma coisa?

MARIA EMÍLIA: Se é do tombo que apanhou no Mar da Palha?

VOZ FORA: Ah! pois! Tem ali para o resto da vida. Entrou-lhe a fraqueza no corpo. (*A voz de Lua Nova aproxima-se, mas fala para o camarada do barco.*) Mete-me as coisas no beliche da proa e deixa ficar o cão a bordo. Cão de barqueiro não nasceu para andar em terra.

OUTRA VOZ: E ordens para amanhã, Ti Lua Nova?

LUA NOVA (*entrando em cena e voltando-se ainda para a banda da muralha; é um velho barqueiro; veste camisa de castorina e traz sobre os ombros um gabão preto, o varino*): Saímos de madrugada para o Conchoso. A maré não espera, já sabes. Não te percas por aí a beber vinho e sombra de mulher.

MARIA EMÍLIA: Se pedires às marés que não corram, dá o mesmo. Já te esqueceste dos tempos de rapaz, Lua Nova.

LUA NOVA: Dei sempre vaga a cada coisa. Mas estes diabos de agora, mal lhes cheira a cais, já nada fazem de jeito. Até as mãos ficam aluadas.

MARIA EMÍLIA: E o que fazias tu?!...

LUA NOVA: Nunca faltei às minhas obrigações. Primeiro o barco, foi sempre assim; depois o resto: as mulheres e o vinho.

MARIA EMÍLIA: Andavas sempre de conta adiantada.

LUA NOVA: Mas nunca nenhum barco encalhou na minha mão, fica sabendo. Nem na areia tocavam... (*Enrola um cigarro, encostando-se à ombreira da porta.*)

MARIA EMÍLIA: O vinho abria-te os olhos. Não há outro arrais como tu no nosso cais.

LUA NOVA: A cartilha é a mesma para todos, Maria Emília. A gente lê no nosso Mar como os doutores nos livros.

MARIA EMÍLIA: Como aprendeste tu esses caminhos do Tejo?...

LUA NOVA: O que os velhos me ensinaram e o que eu aprendi comigo. Não sei, ao certo, a quem mais devo. A arte de arrais nunca está acabada, Maria Emília. A Lua e as estrelas dizem coisas certas, mas

também guardam muitas outras que a gente não deslinda; o mesmo sucede com os ventos, que são mais tredos e enganadores do que as águas do Mar. E o Mar é um corpo de serpente e de mulher, onde convivem anjos e diabos, que ora ajudam, ora atraiçoam a gente.

MARIA EMÍLIA: O Mar tem nome d'homem...

LUA NOVA: Mas é mulher, sou eu que to digo. Se não fosse mulher, pra que precisava de tantos homens?!...

MARIA EMÍLIA: Por isso lhe conheces as manhas, meu arrais matreiro. Como aprendeste tu a enganá-lo?

LUA NOVA: Noites e noites perdidas, olhos bem abertos, e um sentido qualquer que não sei explicar. Não te sucede, às vezes, pressentires o que vai acontecer? (*Maria Emília acena a cabeça.*) É como eu com o barco e o Mar. Quando há um cabeço novo de areia ou se aproxima um temporal, sinto um formigueiro na pele.

MARIA EMÍLIA: Adivinhas...

LUA NOVA: Mais ou menos. Também não adivinho mais nada, diga-se a verdade. (*Como se falasse sozinho.*) O barco faz parte do meu corpo; é um coração de vidro que sai de mim e onde eu embarco e viajo. Dentro do meu barco sou um homem livre; sonho

no que quero. Uma tarde de Maio, vinha eu no «Gaivota», mesmo defronte do esteiro do Ruivo, o Sol desceu de repente e deitou-se em cima do Tejo. Nunca me aconteceu coisa igual... Parecia que o Sol queria dormir ali e se despia e que me atirava para cima dos ombros com os seus vinte mantéus que ia despindo. Nunca nenhum homem se vestiu como eu nessa tarde. Primeiro uma túnica de oiro toda cheia de lumes que ficou encharcada de água verde, oiro e verde; fechei os olhos, tonto, e quando os abri, não estou a fantasiar, não, não estou, tinha-me enrolado num gabão azul de mar e céu, as mãos azuis, a vela branca de azulóio, e mil cores a correrem no Tejo como peixes de luz, todos esquivos. E então eu gritei qualquer coisa, ou talvez só gritasse dentro de mim, com um desses gritos que rasgam a gente e mais ninguém ouve. O meu grito rebentou em sangue, acho eu, e tudo se pôs vermelho, tão vermelho que o Sol veio do fundo das águas e logo se misturou numa tinta de laranja; foi então que veio um golpe de vento, e o barco fugiu, quase voou, para de repente entrar num túnel que depois parecia uma árvore roxa carregada de botões presos ao novo gabão dos meus ombros, ou a mim mesmo. Quando mais tarde a proa do barco entrou na noite, entre o silêncio e o meu espanto, parecia que lavrávamos o Mar com asas de pássaros.

MARIA EMÍLIA: Nunca me falaste disso, António Lua Nova.

LUA NOVA: Não, nunca o disse a ninguém para não me julgarem tonto ou trapaceiro. Mas nessa tarde eu vesti-me com os vinte mantéus do Sol. Nunca mais o esqueci. Por isso mesmo, quando o patrão vendeu o «Gaivota», eu chorei que nem uma criança. Senti-me derrancado, como se me levassem a alma.

MARIA EMÍLIA: Nunca andaste noutro barco tão airoso como esse, lá isso é verdade. Fazias gala em ser o seu arrais.

LUA NOVA: Tu foste lá algumas vezes; ainda te lembras?

MARIA EMÍLIA: Não fales nisso.

LUA NOVA: Magoa-te a lembrança, bem sei. E tens razão. Todo o mal da tua vida, que não é pouco, fui eu que to dei.

MARIA EMÍLIA: Não digas isso.

LUA NOVA: Porquê?!...

MARIA EMÍLIA: Custa-me ouvir-te.

LUA NOVA: Porquê?!...

MARIA EMÍLIA: Lembras-me a rapariga que já fui. Embora nem eu própria me reconheça quando me olho nos vidros das portas.